

EXPERIMENTAÇÃO E HISTÓRIA DE UM FAROL

Trajetos intensivos e extensivos na pequena localidade do Farol de Santa Marta

EXPERIMENTATION AND HISTORY OF A LIGHTHOUSE
*Intensive and extensive paths in the small
town of Farol de Santa Marta*

**Gustavo de Oliveira Nunes¹ e
Adriane Cristhine Silva Moraes²**

Resumo

Este ensaio apresenta uma leitura cartográfica acerca de uma pequena localidade conhecida como Farol de Santa Marta, situada no litoral de Santa Catarina. O objetivo é trazer à tona um pouco da aura local, perguntando-se: Como se deu o processo de povoação e urbanização desse lugar? Para respondê-la, este ensaio segue pistas do método da Cartografia, apresentando-se em dois planos: o dos trajetos intensivos e o dos trajetos extensivos. Nos intensivos, narra-se uma viagem e a tentativa de expressão das forças do território através de pinturas em aquarela. Nos extensivos, a narrativa se ocupa em compreender a gênese do local, suas marcas e transformações, através de um arquivo histórico e antropológico. Como resultado, tem-se uma abordagem em que não se separa a sensação que surge na experiência e a pesquisa histórica e antropológica. Produz-se, assim, um sentido para a vontade de saber que nasce do encontro e experimentação.

Palavras-chave: Farol de Santa Marta, cartografia, trajetos intensivos, trajetos extensivos.

Abstract

The essay presents a cartographic reading of the small town called Farol de Santa Marta, located on the coast of Santa Catarina. The goal is to present a little of the local aura, asking the question: How did the process of settlement and urbanization of the place take place? Thus, this essay works with the Cartography method, which presents two planes: intensive paths and extensive paths. In intensive, a journey is narrated and try to express the forces of the territory through watercolor paintings. In the extensive, the narrative is concerned with understanding the genesis of the place, its marks and transformations, through a historical and anthropological archive. As a result, there is an approach in which the sensation that arises in experience and historical and anthropological research is not separated. In this way a meaning is produced for the desire to know that it is born of encounter and experimentation.

Keywords: Farol de Santa Marta, cartography, intensive paths, extensive paths.

¹ Arquiteto e Urbanista; Mestre em Educação (UFPel) e doutorando em Arquitetura e Urbanismo (UNLP). E-mail: gustavohnunes@msn.com

² Arquiteta e Urbanista (UDESC), mestranda em Arquitetura e Urbanismo (UFSC). E-mail: adrianecsmoraes@gmail.com



Introdução

Este ensaio busca apresentar uma visão sensível acerca da localidade conhecida como Farol de Santa Marta. Com características de uma cidade pequena, é um bairro distante pertencente à cidade de Laguna, localizada no litoral sul do Estado de Santa Catarina (Figura 1).

O objetivo é trazer à tona um pouco da aura do lugar, no que tange a uma certa forma de perceber a realidade. Quando Benjamin se pergunta o que é a aura, logo responde: “Uma trama peculiar de espaço e tempo” (2019, p. 59), a presença de uma distância, o ato de “Observar calmamente, em uma tarde de verão, uma paisagem montanhosa no horizonte, ou um ramo que joga sua sombra sobre o observador” (BENJAMIN, 2019, p. 59). Ao mesmo tempo, o filósofo pontua a deterioração contemporânea da aura, que ocorre devido ao excesso de velocidade na reprodutibilidade das coisas, como fotografias, imagens e mesmo obras de arte, que fazem perder a sensação do aqui e agora presente no momento de criação das coisas.

Assim, este ensaio, calcado em duas vivências de dois autores diferentes, busca resistir à perda da aura ao contar de um lugar, seguindo pistas do método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995; DELEUZE, 1997), no que toca à forma de abordar uma determinada experiência. Para Deleuze e Guattari (1995), a cartografia é composta de dois diferentes trajetos: os intensivos, preenchidos por forças e intensidades e apreendidos no plano da sensação, e os extensivos, referente aos movimentos realizados sobre determinado espaço, tema ou saber. No decorrer do texto, os trajetos intensivos são expressos pela fonte *Courier New*, enquanto os extensivos pela fonte *Arial*.



Figura 2 - Morro do Céu, visto a partir da Prainha. Fonte: Gustavo Nunes, 2021.

Desta maneira, devido à diferenciação dos trajetos intensivos e extensivos, coexistem neste ensaio duas vozes: a primeira é a voz que conta em primeira pessoa de uma viagem e do processo de narrá-la por meio de desenhos e pinturas em aquarela, nascidas quando o narrador se afeta e se deixa invadir pelas intensidades do território, perguntando-se: Como se deu o processo de povoação e urbanização desse lugar? Com a questão, surge o desejo de saber mais sobre o local, convocando a segunda voz, que narra o percurso dos trajetos extensivos. A partir dela, conta-se a história da localidade, movimentando-se em busca da sua gênese, suas primeiras marcas e transformações e tenta, de certa maneira, interpretar aquilo que existe de singular e sedutor no território, buscando também expressar a aura local em outros termos.

Como resultado, tem-se uma abordagem em que não se separa a sensação que surge na experimentação do lugar, e que um dos autores busca expressá-la através da aquarela, e a pesquisa acadêmica qualitativa, ao abordar a história do Farol com base em um arquivo de referências históricas e antropológicas. Produz-se, assim, um sentido para a vontade de saber que nasce do encontro e experimentação.

I.

Projetando-se contra o mar, marcada por um processo de urbanização aparentemente espontâneo, há uma pequena localidade que hoje configura-se como um singular vilarejo de pescadores. Esse lugar é conhecido como Farol de Santa Marta que, mesmo com características de uma pequena cidade, ainda é um bairro afastado de Laguna, no Estado de Santa Catarina.

Lá, uma pequena comunidade foi se criando e, ao traçar ruas irregulares e quase sempre sem saída, foi habitando e urbanizando



Figura 3 - Morro do Farol, visto desde a Prainha. Fonte: Gustavo Nunes, 2021.

o espaço. Este, rodeado por uma paisagem litorânea preservada em grande parte da ação humana, atraiu um pequeno número de moradores e turistas.

Foi nesse lugar que cheguei no dia 03 de fevereiro de 2021, levando comigo lápis, papéis e aquarelas. Lá, fiquei 08 dias vivenciando, desenhando e caminhando. Logo no primeiro dia, após uma caminhada e sem saber muito da história do local, deixei a paisagem me invadir e comecei a desenhar. Parava à beira das suas praias ou no pico dos morros, olhava e pintava. Enquanto o sol queimava minha pele, por vezes esquecia até do presente pandêmico³. O local me preenchia (Figura 2).

Desde a Prainha, ao olhar à esquerda, via o mar batendo nas pedras que são a base de um morro. Algumas habitações recebiam a brisa marítima e, no horizonte, outros morros anunciavam a presença de outras praias em enseadas. Ao olhar à direita, um morro um pouco menor invadia a água e, acolhido pelo desenho da praia em U, desenhava algumas casas de madeira do tipo cabana rústica que marcavam o topo deste segundo morro. Diante da espontaneidade das habitações e despreziosa leveza, perguntava-me: como havia se dado o processo de urbanização do lugar? (Figura 3).

³ Relativo à pandemia da Covid-19 causada pelo novo coronavírus, presente em nossas vidas desde o início do ano de 2020.

II.

A história de um lugar é construída pelos seus povos e pelas marcas deixadas na paisagem desse território. E, para entender o contexto local, é necessário compreender quem são essas povoações, de onde vieram e quais eram seus costumes. Por isso, o presente ensaio apresenta um pouco da história de uma comunidade de pescadores no bairro Farol de Santa Marta, pertencente à cidade de Laguna. Apesar de se constituir enquanto um bairro, comporta-se como uma pequena cidade, pois as experiências vivenciadas nos espaços e na paisagem garantem uma independência física, territorial e social, com uma população em torno de 2000 habitantes⁴ (DESIMONE, 2007).

Afastado da cidade, o seu isolamento territorial foi reforçado, por muitos anos, pelas dificuldades de acesso à comunidade. Essa situação proporcionou que seus costumes e crenças fossem perpetuados de geração em geração, garantindo a preservação deles até a atualidade. Porém, essa situação foi modificada em 2017, com o asfaltamento da SC-100, facilitando o acesso terrestre ao Farol de Santa Marta.

Lá, a cidade vivenciada fica na lembrança, na memória, “controla e atrai, simboliza e representa, expressa e oculta” (PALLASMAA, 2017, p. 47), é constituída por rastros daqueles que ajudaram e que ajudam a construir seus espaços, criando seus lugares de pertencimento. O Farol de Santa Marta, localizado no Cabo de Santa Marta, possui vestígios deixados ao longo da história por diferentes povos, como os pré-históricos sambaquis⁵, os indígenas, os navegantes, os militares, os colonizadores portugueses, os descendentes açorianos e, atualmente, os turistas.

III.

Eu era um turista no local. O ano de 2020 foi de poucos movimentos deste tipo e, ao experimentar essa condição novamente, queria vivenciá-la de forma intensa. Por causa disso resolvi desenhar o lugar. Tal prática nos vincula à paisagem pois torna indissociável aquele que a representa daquilo que é representado, produzindo nesta relação trocas intensivas entre sujeito e território.

Naquele momento, sabia pouco da história do lugar, mas o Farol, que dá nome à localidade, era um elemento visível desde qualquer ponto da região. Branco, com base retangular e um cilindro por onde escapa a luz no topo, possui uma pequena esfera na sua extremidade mais alta, que se sobressai frente às outras edificações menores. À noite, ao girar 360°, seu fecho luminoso é visível não só no mar, mas em toda localidade (Figura 4).

Ao olhá-lo, ficava me perguntando se foi ele que deu origem à urbanização do local, atraindo moradores, ou se estes já estavam lá, e tiveram seu lar marcado pela edificação. Ao desenhar, divagava se haviam povoações antes dele, quais nomes o pequeno território

4 A informação exata sobre a sua população não foi encontrada nos sites da Prefeitura de Laguna e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

5 Sambaquis são “colinas arredondadas compostas quase exclusivamente por carapaças de moluscos” (LANGER, 2001, p. 35). De acordo com Rohr (1976), o nome sambaqui origina-se do guarani e possui significado de: monte de conchas – podendo ser chamado também de casqueiros, concheiros, berbigueiros, ostreiros ou sernambis. Nesses amontoados se encontram outros materiais, como restos de animais, de vegetais, ossadas, conchas, ferramentas, objetos de adorno, artefatos, ornamentos, entre outros.



possuía anteriormente à inserção da forma emblemática que lhe emprestou um nome próprio?

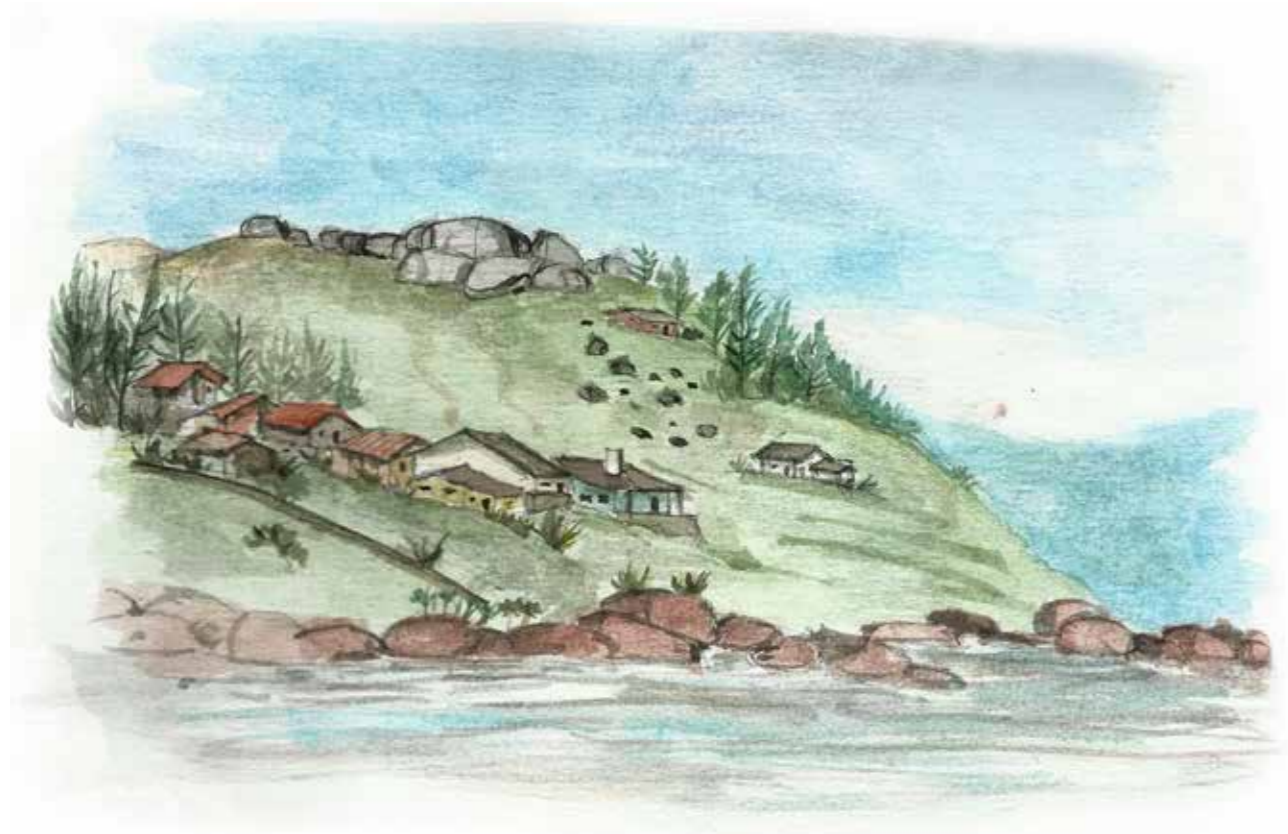
IV.

Os registros mais antigos da localidade são dos povos de Sambaqui, a aproximadamente 7000 anos, representados por sítios arqueológicos do tipo sambaqui: o primeiro fica no acesso à comunidade, na margem da rodovia SC-100; o segundo localiza-se logo no início das ocupações, margeando a Praia do Cardoso; o terceiro está próximo ao Morro do Céu e à Prainha, em meio à concentração urbana. São caracterizados como depósitos e amontoados de conchas, apresentando-se na forma de “colina arredondada, constituída quase que exclusivamente por carapaças e moluscos” (LANGER, 2001, p. 35), bem como restos de animais e vegetais, ossadas, ferramentas, armas pré-históricas, artefatos e ornamentos (SCOFANO, 2012). Possuíam a função simbólica de demonstrar poder perante as povoações vizinhas, sendo essa a região onde se encontravam os maiores e mais imponentes sambaquis do mundo (ROHR, 1976).

Posterior à presença dos povos pré-históricos, houve na região de Laguna a existência de indígenas⁶, os quais foram surpreendidos com a chegada dos navegantes e colonizadores portugueses. A localidade já fazia parte da história ocidental dos grandes descobrimentos marítimos da Idade Moderna e era o último marco ao Sul a delimitar o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. A principal forma de deslocamento se dava por meio da navegação, por isso o Cabo de Santa Marta era passagem obrigatória para os navegadores que por ali transitavam.

A importância da localidade pode ser comprovada por meio do Planisfério de Cantino (Mapa de Alberto Cantino), de 1502, onde se pode perceber a inserção do Cabo de

6 Na área da pesquisa, de acordo com Rohr (1976), há indícios sobre a passagem e a presença dos carijós (tupi-guarani) – ocupantes do litoral –, e dos Kaingang (grupo Jê) – povo que ocupava predominantemente o planalto, mas que ocasionalmente surgiam pelo litoral.



Santa Marta como ponto de referência. Já “sobre a denominação Cabo de Santa Marta, que se mantém até nossos dias, não existem registros de quem o tenha batizado com este nome” (CADORIN; CADORIN; 2013, p. 36).

Tratado por Martins (1997) como a *esquina do Atlântico*, caracteriza-se geograficamente por ser um ponto de alteração e inflexão na costa do litoral catarinense (BONETTI, 2011). Tal conformação territorial e a presença de uma laje de pedras dentro do mar, nas proximidades do Cabo, resultavam em uma área temida pelos navegantes, local de muitos naufrágios.

De acordo com Demathé (2014), as embarcações naufragadas ainda estão submersas e podem ser consideradas como patrimônios, inclusive por ainda estarem vivas na memória coletiva local, representadas pelas lembranças, pelas histórias orais e pelas fotografias. “Esses elementos representam as expressões de uma sociedade que se materializa também em seus objetos, que por sua vez indicam um modo de vida passado pertencente a um extrato de tempo” (DEMATHÉ, 2014, p. 164), tal como relata o pescador Temóteo, residente do Cabo de Santa Marta:

Sobre os naufrágios ocorridos na região, Temóteo apontou o Porto Alegre e o Catalão, que estão soçobrados na praia do Cardoso; Lord Paraguai, que encalhou, mas conseguiu retornar ao mar; o Buenos Aires, que partiu ao meio, em Jaguaruna; lembra do Guaratinga, que estava carregado de madeira. Relata que a praia ficou repleta de tábuas, e que, até hoje possui algumas delas no assoalho do seu galpão. Apesar de não se recordar do nome, falou do Aldabi, disse que nesse naufrágio muita gente já desceu para pegar o resto de ferro, chumbo, bronze para vender. Temóteo citou pessoas de Laguna que fazem isso com certa frequência e que em suas casas ainda podem existir muitos objetos desses naufrágios (DEMATHÉ, 2014, p. 111).

Figura 5 - Morro do Céu com suas casas e pedras. Fonte: Gustavo Nunes, 2021.



Justamente a ocorrência dos naufrágios resultou, em 1880, em manifestação do Ministério da Marinha sobre a necessidade de se construir um farol no referido lugar. Dessa forma, em 11 de junho de 1891, oficializou-se a inauguração do Farol de Santa Marta, a 20 quilômetros do centro de Laguna.

V.

Ao sentar na Prainha, o balneário mais central do Farol de Santa Marta, observava a paisagem e a sua textura. As casas, em sua maioria, possuíam cobertura em telha de barro, com telhados com características da colonização portuguesa. Alguns possuíam quatro águas, outros, duas. As paredes eram de alvenaria ou madeira, por vezes mesclando as duas técnicas.

Devido a construção ocorrer quase sempre em desníveis, é comum a presença de muros de arrimo feitos de pedra, numa tonalidade marrom. Ao olhar os desenhos feitos do local, percebo que todos morros são circundados por pedras, e que tal material é abundante no lugar (Figura 5).

Não era a primeira vez que me encontrava nesse local. Uma lembrança fugidia, de uns 10 anos atrás, vinha-me à memória. Fazia frio. O tempo estava nublado. Junto a alguns amigos, em uma viagem realizada por colegas da faculdade de Arquitetura, sentamo-nos no calçadão que contorna a praia. Do ponto onde estávamos, ao olharmos para a esquerda enxergávamos a principal igreja da localidade, posicionada à beira mar e idêntica como era a alguns anos atrás (Figura 6).

Figura 6 - Vista para a igreja e atrás o Morro do Céu, desde a Prainha. Fonte: Gustavo Nunes, 2021.



Esperávamos, na ocasião, avistar as baleias que, todo inverno, visitam o local para reprodução, nascimento e amamentação de filhotes, sendo visíveis desde a Prainha.

VI.

Os materiais utilizados na obra de construção do Farol de Santa Marta foram retirados da própria localidade: pedras, areia, barro e óleo de baleia; já a mão de obra foi constituída por moradores das regiões vizinhas, descendentes dos açorianos que vieram da Ilha dos Açores povoar a região Sul.

O fundador da comunidade, Elizário Patrício, trabalhou na obra de construção do Farol como servente, período em que vislumbrou a potencialidade do lugar para fundar uma pescaria de arrastão. Em primeiro de maio de 1909, ele e outros ex-companheiros da obra do Farol e parceiros de pesca chegaram ao Cabo de Santa Marta para estabelecer negócio (MARTINS, 1997). O lugar era inóspito, tanto que não havia nem onde se abrigarem: a única garantia que tinham era da luz do farol iluminando as águas e seu entorno. “A presença do farol aceso é garantia de que apesar do mar agitado da área do Cabo de Santa Marta, a navegação será tranquila” (MARTINS, 1997, p. 141).

Em entrevista dada por Elizário Patrício, em 1947, o fundador relata como ocorreu o início dessa ocupação:

– Aqui chegamos em primeiro de maio de 1909. Tudo isso era mato. Não morava aqui mais ninguém, a não ser os faroleiros. Quando chegamos, por não termos onde nos abrigar, fizemos uma barraca com a vela da nossa canoa, e aí moramos por muitos dias, até que fizemos um rancho de palhas. Hoje isto está como o senhor vê, todo povoado. Não sei se fiz bem ou mal (MARTINS, 1997, p. 9).



A escolha tomada pelos primeiros moradores de se fixarem nessa localidade estava relacionada à fartura de peixe, aos ventos propícios, às águas navegáveis e à presença de um farol para iluminar. Logo, tal opção não foi aleatória: havia razões para elegerem e se fixarem no respectivo sítio, dando início à urbanização.

O primeiro núcleo de ocupação dos pescadores ocorreu na Prainha, praia posicionada no sentido Norte, próximo ao Morro do Céu – primeiro e único acesso terrestre que havia para chegar até a comunidade. Apesar da existência do caminho, tratava-se de um trajeto difícil, realizado por cavalos e mulas ou por quem tivesse charrete ou carroça. Por essa razão, os moradores se mantiveram quase que totalmente isolados até a chegada dos turistas, a partir dos anos 70.

VII.

Ainda que a Prainha fosse o melhor ponto para se desenhar e observar o mar, todo o esgoto da comunidade do Farol de Santa Marta desagua nela. Logo, não é o local mais apropriado para um banhista. O mau cheiro já impregna o ar nos dias mais quentes, tornando visível as marcas da intervenção humana no local.

Por isso, buscando um bom banho de mar, eu ia à praia do Cardoso. Afastada do micro centro do Farol, é separada da Prainha por um morro, que marca a topografia acidentada do local. Desde a beira-mar, olhando para a esquerda na direção leste, via o morro marcado por casas. Na base, próximo ao mar, avistava as edificações construídas por pescadores, com suas tipologias de garagem onde são guardados os barcos (Figura 7).

Na direção oeste, à direita, lá onde o sol se põe, podia ver outra aglomeração de rochas que marca o fim da praia do Cardoso. Do outro lado, há outra praia chamada Praia da Cigana, mais isolada dentre as outras (Figura 8).

VIII.

O segundo núcleo de ocupação dos pescadores fixou-se na Praia do Cardoso. Segundo relatos dos próprios moradores, um dos pescadores da comunidade, chamado Cardoso, decidiu atravessar o morro e construir seu barraco de pesca na praia que estava do outro lado das dunas, dando continuidade à ocupação do Farol de Santa Marta.

As primeiras casas foram construídas próximas ao mar, elevadas da areia, possibilitando que as ondas passassem por debaixo das construções, e tinham como principal material a palha, tanto nas paredes como na cobertura – tipologia arquitetônica bem semelhante à utilizada pelos indígenas. Na região não existia muita oferta de madeira, mas à medida que embarcações naufragavam carregadas com este material, assim como o acesso à comunidade melhorava, começaram a serem construídas casas do tipo chalé.

Quando os turistas começaram a descobrir o Farol, não havia sequer estrutura para acomodar os curiosos, levando os moradores a ceder suas próprias casas para acomodar os visitantes. Com o passar do tempo, e a vinda constante de pessoas *de fora*, os nativos passaram a construir no próprio terreno de suas residências acomodações para alugar. A renda dos aluguéis passou a ser um suporte financeiro no sustento familiar, tornando-se hoje, juntamente com o comércio, a principal atividade econômica dos moradores.

Apesar do tempo de existência, das interferências e modificações paisagísticas por conta do turismo e da especulação imobiliária, a comunidade resiste e preserva seus costumes baseados na pesca artesanal, nos barcos, nas redes no mar, na cultura açoriana e no farol, que mantém seu facho de luz aceso iluminando esse pequeno paraíso. A sua ocupação territorial foi formada por esses povos que passaram e deixaram seus rastros, tal qual impressões digitais, tendo suas culturas e a suas identidades como balizadoras dessa constituição paisagística, fundamentadas na relação direta com o mar.

Desta maneira, a comunidade do Farol de Santa Marta caminha em velocidade contrária à da cidade contemporânea: nela os movimentos são lentos e não são mecanizados, são manuais, artesanais, sensíveis, profundos. Por isso, diferente da cidade grande, o Farol preserva certa mística e uma aura singular (BENJAMIN, 2019), posto que “à medida que a cidade perde a intimidade tátil, o segredo e a sedução, também perde sua sensualidade, sua carga erótica” (PALLASMAA, 2017, p. 49).

Pallasmaa (2017) defende que a cidade funcionalizada é evidente em demasia, possuindo uma legibilidade facilitada que não ocorre na comunidade do Farol. Lá, ainda há espaço para o sonho e o mistério, podendo-se “experimentar o lento ritmo curativo da história” (PALLASMAA, 2017, p. 53), tornando possível imaginar, rememorar, sentir as texturas e perceber os sons e cheiros no cotidiano da comunidade. Essa mística presente no local não é o resultado apenas da recente urbanização, que teve início com a construção do Farol e das primeiras habitações de pescadores, mas é criada a partir dos rastros deixados por outras comunidades que viveram no mesmo espaço e ainda se fazem sentir no aqui e no agora ao longo do tempo. Assim, tais marcas do território, quando apreendidas por meio das sensações, podem ser expressas de

diferentes maneiras — em planos intensivos e extensivos que coexistem juntos — e dão a ver sua aura.

IX.

Havia chegado o dia de ir embora. Saí para mais uma caminhada e logo avistei o farol. Desde a maior parte dos pontos da localidade, ele se fazia onipresente. Olhando-o percebi que não o havia desenhado de perto, mesmo tendo subido no morro onde está localizado e apreciado a vista. Juntei meu material de desenho e fui novamente em sua direção.

A localidade do Farol de Santa Marta possui praticamente uma única rua principal, que é a continuação da rodovia SC-100. Chama-se Estrada Geral do Farol, que circunda e se adapta à topografia do local. Desde a Prainha, caminhei por essa rua até chegar numa bifurcação à esquerda. Ao fundo da ruela, na base de um morro, há um imponente muro branco e um portão, com símbolos da Marinha. Pela lateral, há uma passagem para turistas e moradores circularem livremente por ali, durante o período do dia que é aberto ao público.

Subo o relevo íngreme, ofegante por causa da máscara de tecido TNT. Mais à frente, avisto outros turistas, entre adultos e crianças, todos com máscaras também. Logo os signos da pandemia me invadem e começo a me perguntar se tudo isso não era resultado da nossa desarmonia com a Terra, das nossas megacidades, do nosso excesso, da nossa tendência em nos colocarmos como uma espécie animal superior, da nossa insistência em nos separarmos da natureza e desprezarmos tudo o que é ínfimo e invisível. Será que, afinal, não éramos nós próprios a causa daquela paisagem?

Um pouco perdido em pensamentos, sento numa pedra. Observo o horizonte. Respiro. Dali, podia ver o pequeno bairro Farol de Santa Marta, com sua peculiar cara de cidade pequena. Sua imagem dava a sensação de uma desordem ordenada. A palavra que me vinha à consciência era harmonia. A escala pequena das coisas. Talvez meu excesso de romantismo, minha tendência a apreciar o simples e o menor. O cheiro do mar, a sensação de conexão com o todo. Pego meu material de desenho, disponho diante de mim as aquarelas em pastilhas e logo me dissolvo, a cada pincelada me esqueço de tudo e me torno mais um elemento daquela imensa paisagem (Figura 9).



Figura 9 - Farol Santa Marta, localizado no Cabo de Santa Marta. Fonte: Gustavo Nunes, 2021.

Referências

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2019.

BONETTI, Taciana Medeiros. *Discutindo a Gestão Urbana de Áreas Costeiras: o caso do Farol de Santa Marta/Laguna-SC*. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95354/292963.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 mai. 2020.

CADORIN, Adilcio; CADORIN, Lucas. *Laguna Terra Mater – Dos Sambaquis à República Catarinense – Cronologia Histórica*. Blumenau: Nova Letra, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

DESIMONE, Mariana. *Um lugar ao sul: população de cabo de Santa Marta se duplica*. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 mai. 2007. Turismo. *Online*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx1101200720.htm

DEMATHÉ, Alexandro. *Entre sambaquis, redes e naufrágios: arqueologia costeira no Parque Arqueológico do Sul (SC)*. 2014. Dissertação (Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Alexandro_Demathe.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

LANGER, Johnni. Os sambaquis e o Império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1899. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 11, p. 35-53, 2001.
MARTINS, Celso. *Farol de Santa Marta: a esquina do Atlântico*. Florianópolis: Guarapuvu, 1997.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

ROHR, João Alfredo. A pré-história da Laguna. In: CABRAL, Osvaldo Rodrigues (coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de fundação de Laguna. Florianópolis: IOESC, 1976. p. 13-50.

SCOFANO, Guilherme Butler. *A elaboração de planos de gestão da paisagem cultural brasileira como subsídio à proteção do patrimônio arqueológico: o caso da “Ilha de Laguna” - SC*. Dissertação (Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Guilherme%20Butter%20Scofano.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.